

Marcos Cordioli  
marcos.cordioli@gmail.com

“Plutão foi rebaixado da condição de planeta” - essa notícia ganhou as manchetes dos principais jornais do mundo no final de agosto de 2006. Uma nova categorização dos corpos celestes está em vigor.

A categorização planetária expõe uma regra básica, enunciada por vários autores (talvez o mais conhecido seja Thomas Kuhn em sua obra “A Estrutura das Revoluções Científicas”), de que a ciência estabelece um sistema de classificação e conceituação em função das evidências da realidade. Sendo assim, estes sistemas devem ser revistos diante da descoberta de novas evidências ou da formulação de outras teorias que exponham as suas limitações. Regra que raramente é observada no cotidiano e nas escolas, posto que a sociedade e a natureza (e as representações que fazemos de seus diversos aspectos) são tomadas como naturalizadas e imutáveis.

O anúncio da criação de mais uma categoria de corpos celestes (os planetas-anões) com a inclusão de Plutão e de mais dois asteróides (estes promovidos desta condição para a de planetas-anões), embora não altere a nossa vida, é uma boa lição da forma com compreendemos e aprendemos a sociedade e a natureza.

A posição dos astrônomos, no entanto, parece ser de prevenção. Novos corpos celestes devem ser

descobertos além de Plutão e, ao que parece, com proporções semelhantes a este atual planeta-anão. Também resolve os problemas de Ceres e Xena (nome provisório do corpo UB313), até agora incomodamente classificados como asteróides. O problema agora passa a ser Caronte, o satélite de Plutão. Talvez em alguns anos Plutão e Caronte possam ser classificados como um sistema binário de planetas-anões, com base em duas categorias utilizadas para definir sistemas binários e trinários de estrelas: a pequena proporção de massas entre ambos e a implicação mútua de suas órbitas.

Resolvida esta questão, provisoriamente, os astrônomos talvez possam se dedicar a uma outra: qual seria de fato a categoria ocupada de Júpiter - “planeta” que emite mais energia que recebe? Como único representante desta condição, não deveria ser agrupado em alguma outra nova classe entre os planetas e as estrelas? Ou ainda, um tipo peculiar de estrela?

Uma outra questão também pode ser exposta, neste momento, ainda mais subjetiva: o antropocentrismo. Nos primórdios da astronomia, a Terra ocupou o centro das representações do universo (sistema geocêntrico) e posteriormente o Sol (sistema heliocêntrico). Os recursos tecnológicos e as teorias

---

Marcos Cordioli é historiador (UFPR) mestre em educação (PUCSP). Professor e conferencista. É produtor de cinema e estuda fotografia.

---

Contatos com o autor:

*email:* [marcos.cordioli@gmail.com](mailto:marcos.cordioli@gmail.com)

*fone:* +55 (41) 9962 5010

*home page:* <http://cordioli.wordpress.com>

*twitter:* <http://twitter.com/marcoscordioli>

*myspace:* <http://www.myspace.com/marcoscordioli>

*facebook:* [Marcos Cordioli]

**marcoscordioli**

*A Casa de Asterion*

---

do século XX permitiram a construção de uma representação do universo em que a Terra e o Sistema Solar ocupam uma posição secundária na Via Láctea e no Grupo Local (uma espécie de continente que agrupa uma série de galáxias).

É possível que, quanto mais longe se enxergue, menos se veja o que está próximo. E assim, uma proposição, hoje marginal, deveria ser analisada com mais cuidado: a que revisa o conceito da Lua como satélite e a sua possível “promoção” à condição de planeta. Assim, o complexo Terra-Lua passaria ser designado como um *sistema binário* de planetas.

Posso arrolar, nesse sentido, os seguintes argumentos: a Terra é um dos menores planetas do Sistema Solar,

sendo a Lua é segundo maior satélite deste complexo, uma das duas menores proporções entre massas de planeta-satélite - a outra seria justamente de Plutão e Caronte. A Lua também oferece a maior alteração proporcional de um satélite sobre a órbita em torno do Sol de seu respectivo planeta. Tanto é que o eixo da nossa órbita planetária não passa pelo seu centro, mas sim num ponto proporcional entre a Terra e a Lua.

Descendo de nosso pedestal antropocêntrico poderíamos considerar a Lua o nono planeta do Sistema Solar, formando um sistema binário com a Terra. Poderíamos amanhecer num novo dia - em que nada mudou - mas habitaríamos um sistema binário de planetas mostrando que, a natureza, e nós mesmos, nem sempre somos o que acreditávamos ser.

As publicações do selo A Casa de Asterion podem ser livremente copiadas digitalmente ou por fotocopiadoras. No entanto, não podem ser vendidos. Os autores disponibilizam estas publicações como esforço para a democratização da informação e do conhecimento.

**marcoscordioli**

*A Casa de Asterion*

---

### Nota do autor

O autor agradece:

1. a comunicação de erros.
2. opiniões sobre o texto, inclusive sobre passagens com redação inadequada.
3. o envio de textos dos leitores no qual o autor foi citado.

E-mail para contato: [marcos.cordioli@gmail.com](mailto:marcos.cordioli@gmail.com)

---